



A ARTE COMO INSTRUMENTO DO INCONSCIENTE: IMAGENS QUE REVELAM O SUJEITO

ART AS A INSTRUMENT OF THE UNCONSCIOUS: IMAGES THAT REVEAL THE SUBJECT

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silvaⁱ

Dayane dos Santos Vianaⁱⁱ

Juliana Ramos de Souzaⁱⁱⁱ

RESUMO – O objetivo deste trabalho foi mostrar, à luz da psicanálise, como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito, revelando o reprimido diante do processo de autoconhecimento. Buscou-se, ainda, analisar como o mecanismo de sublimação dialoga por meio da arte em um processo terapêutico. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica acerca do tema proposto. As leituras selecionadas foram com enfoque em arte, inconsciente e sublimação, mas o trabalho não fez distinção do que é arte, sendo esta considerada toda a expressão, incluindo a imagética, criada pelo sujeito. Este estudo apresenta discussões de diversos autores sobre o processo artístico e o inconsciente, buscando entender como a arte pode ser uma ferramenta de trabalho no

contexto da clínica, para acessar os conteúdos reprimidos e inconscientes do sujeito. A partir do material analisado, pode-se dizer que a arte traz novas formas de se gozar diante das regras morais, é um meio de vivenciar aquilo que moralmente seria proibido se fosse exposto de forma nua e primitiva; é, em certo sentido, a transgressão de forma simbólica e aceita. Ou seja, a materialização do gozo.

PALAVRAS-CHAVE – inconsciente, arte, sublimação, desejo, impulsos.

ABSTRACT – The aim of this work was to show, in the light of psychoanalysis, how art dialogues and expresses itself through the subject's unconscious contents, revealing the repressed in the



process of self-knowledge. It was also sought to analyze how the mechanism of sublimation dialogues through art in a therapeutic process. For this, a bibliographic review was made about the proposed theme. The selected readings were focused on art, unconscious and sublimation, but the work did not distinguish what art is, this being considered all expression, including imagery, created by the subject. This study presents discussions by several authors about the artistic process and the unconscious, seeking to understand how

art can be a working tool in the clinical context, to access the subject's repressed and unconscious contents. From the analyzed material, it can be said that art brings new ways of enjoying itself in the face of moral rules, it is a means of experiencing what would be morally prohibited if exposed in a naked and primitive way; it is, in a sense, transgression in a symbolic and accepted way. In other words, the materialization of jouissance.

KEYWORDS: unconscious, art, sublimation, desire, impulses.

Introdução

Segundo Autuari e Rinaldi (2014), a arte não tem uma definição exata. A obra está vinculada com a história de vida do sujeito, suas fantasias, seus desejos, suas pulsões e sua visão de realidade. A arte pode estar relacionada ao momento atual do indivíduo, afeto de suas relações primárias, resquícios dos impulsos sexuais ou fragmentos de sua personalidade, servindo como instrumento de investigação e manifestação do inconsciente do sujeito. Para os autores, é importante estar atento aos fatos ocorridos na vida da pessoa para fazer um cruzamento entre obra e personalidade.

Para Biesdorf e Wandscheer (2011), a arte é uma necessidade de expressão humana tão ancestral quanto o homem, tanto que foi tudo que restou de

civilizações e culturas pré-históricas. É também através da arte que o homem expressa o meio em que vive, interpreta sua natureza, constrói formas, fantasia, inventa e se descobre. Além disso, apesar de muitas vezes se tratar de uma produção individual, sempre se origina de uma necessidade coletiva, ou seja, o autor cria e executa artisticamente uma obra significativa de maneira responsável. Assim, sela compromisso com a sua cultura em fazer arte com significado presente no meio onde está inserido, sendo instrumento causador de modificações na sociedade.

Ao consumirmos o material artístico produzido por um sujeito, entramos em contato com cores, formas, histórias, fantasias, pensamentos, sons e outras referências que, em um primeiro momento, podem ser vistas apenas como



um emaranhado de elementos construídos dentro de um processo criativo. Porém, sem saber, estamos acessando seu inconsciente, o mistério da origem criativa e intenções da obra criada.

Neste sentido, este estudo buscou, por meio de uma revisão bibliográfica, verificar como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito, identificando possíveis processos de autoconhecimento. Ainda, analisar como o mecanismo de sublimação dialoga com a arte e o processo terapêutico, interpretando os desejos por meio da expressão artística. A base teórica escolhida para nortear esta busca foi a psicanálise.

Relação Arte – Artista

Segundo Autuori e Rinaldi (2014), não há uma verdade que abarque o que seja arte na visão Freudiana. Há um vínculo entre o que se passou e passa na vida do artista, a obra produzida e o psiquismo durante o processo criativo. Na obra "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância", Freud discute aspectos da vida pessoal do artista, referindo que os afetos foram transformados em criação. A vontade de Leonardo em descobrir o novo era vista como resquícios da pulsão sexual da primeira infância que, em vez de recalcar, foi sublimada e transformada em curiosidade. Por se tratar de sublimação, a pulsão agia livremente.

Os autores explicam que Leonardo Da Vinci passou os primeiros cinco anos de

vida somente na companhia de sua mãe, o que, para Freud, influenciou o psiquismo e determinou o seu destino: a substituição do marido pelo filho. Aos cinquenta anos, Leonardo encontrou uma mulher que lembrava o sorriso sensual e feliz de sua mãe e então pintou o famoso quadro *Monalisa* ou *La Gioconda* (AUTUORI; RINALDI, 2014).

Ainda segundo os mesmos autores, as obras de Leonardo retratam a relação que ele teve com o pai, em especial o quadro *Santa Ana*, no qual reproduz os afetos da infância e o desinteresse do pai para com ele, motivo pelo qual muitas obras ficaram inacabadas. A criação artística de Da Vinci foi uma maneira de lidar com seus desejos sexuais, deslocando para o saber, a criatividade e a pesquisa.

Freud, de acordo com Autuori e Rinaldi (2014), também se debruçou a compreender o artista e escritor Dostoiévski a partir de suas obras que, com uma infância e juventude marcadas por perdas e prisão, transformou as pulsões agressivas e destrutivas de sua personalidade em personagens de seus livros. Ao invés de agir e se transformar em um indivíduo criminoso, ele deslocou essas pulsões para seus personagens fictícios. Esses dois artistas foram fontes de análise Freudiana, mostrando a relação entre obra e autor.

Para Autuori e Rinaldi (2014), ao olhar a relação da arte e do artista com a realidade, Freud compreende que a criança, ao brincar, fantasia o mundo adulto como possibilidade de realizar seus



desejos, que são os primeiros traços da criatividade. O adulto já não tem mais essa ilusão e, por meio da arte, ele cria através da imaginação, mesmo com a realidade presente. As fantasias são formas de realizar desejos insatisfeitos.

A Arte como Expressão do Inconsciente

Figueiredo, Feitoza e Carvalho (2012) dizem que os métodos civilizatórios de dominação das pulsões acabam reprimindo e ocasionando diversas formas de sofrimento psíquico, e que a sublimação através da arte surge com o objetivo de que o homem não seja devorado por seus desejos, mas que os manifeste de maneira aceitável socialmente e ainda obtenha satisfação. A obra produz também uma ação sobre os sentimentos, como se fosse algo real graças à ilusão artística, proporcionando um espaço de cura, transformando as pulsões de morte em pulsões de vida, trazendo alívio e tornando possível a vida do indivíduo.

Para Rossi (2009), Freud concebe a arte como sustentação para aguentar a carga que a civilização impõe ao homem, oferecendo uma satisfação para as renúncias e sacrifícios que o sujeito precisa fazer por viver em sociedade. O ato de criar, a criatividade, advém da redução da repreensão e do superego, pois se origina das fantasias inconscientes do indivíduo. No inconsciente está a fonte da criatividade, proporcionando o revelar do mundo interno do criador. O

inconsciente é, por assim dizer, o manancial.

Porém, é preciso considerar a severidade do superego ao buscar impedir, em certo sentido, o fluir da expressão artística. Nesta visão, pode-se considerar que a obra é o compartilhamento do mundo interno, e a forma de perceber as coisas é a capacidade de compartilhar espaços proibidos, secretos e reprimidos. No espaço clínico, isto é, no contexto analítico, há a possibilidade de acesso aos conteúdos reprimidos pelo paciente por meio da expressão artística.

Pastore (2009) discute que, para Freud, o indivíduo, ao entrar em contato com uma obra, pode experimentar sensações e sentimentos, quer seja uma pintura, um filme, uma *performance*, uma música etc. No entanto, preconiza que o sentir emergirá se houver elaboração acerca do significado dado à obra observada, significado singular e único a cada observador. A arte traz novas formas de gozar, por seu um meio de vivenciar aquilo que moralmente se mostra como proibido se fosse exposto de forma nua.

Princípio do Prazer

Segundo Freud (1920), há uma predominância do princípio do prazer na psique, ou seja, os impulsos conscientes sempre se encontram entre prazer e desprazer. O aparelho psíquico trabalha para que a quantidade de excitação que nele existe permaneça o mais baixa



possível, ou menos constante, e tudo que tem a capacidade de elevar essa excitação será percebido como disfuncional e, portanto, desprazeroso.

Ainda segundo Freud (1920), o princípio do prazer descende do princípio da constância, evidenciado por Fechner como *tendência à estabilidade*. Porém, este princípio não domina o curso dos processos mentais, então, o correto é que haja uma forte tendência ao prazer na psique, mas nem sempre o resultado corresponde ao prazer. Se este princípio dominasse, a grande maioria desses processos conduziria ao prazer ou seria seguida de prazer, quando, na verdade, as experiências em geral nem sempre correspondem à satisfação.

Freud (1920) salienta que se inclinar a um objetivo não significa alcançá-lo, sendo possível realizá-lo por aproximações. Ele explica que os motivos que impedem a prevalência do princípio do prazer são diversos, dentre eles os instintos de preservação do Eu, sendo assim substituído pelo princípio da realidade, que não tem a finalidade de desprezar a intenção final de obter prazer, mas adia-la através do desprendimento das possibilidades desta e da provisória aceitação do desprazer, rodeando até a obtenção final de prazer.

Desse modo, os processos psíquicos são influenciados pelo princípio do prazer e o que os movem são as tensões de desprazer em busca de satisfação, ou seja, gerar prazer para diminuir a carga desprazerosa conflitante. Os desejos

sexuais, que seriam uma experiência prazerosa, são vistos como desprazer pelo Eu por alguma razão, reprimindo o impulso e ocasionando a repressão, diminuindo assim a possibilidade de realização do desejo.

O indivíduo não se lembra de tudo que reprimiu, o que se tornou inconsciente, e, antes que haja a compreensão do conteúdo reprimido, há a repetição da ação, que geralmente são conteúdos sexuais da primeira infância. Há uma forte resistência do Eu para trazer à consciência os conteúdos reprimidos, isto é, o passado esquecido, ocasionando uma inconsciente repetição de comportamentos. Essa resistência está atrelada ao princípio do prazer, pois trazer à consciência conteúdos reprimidos pode gerar dor (FREUD, 1920).

Para Leite (2015), há um direcionamento de energia e impulso para a realização do desejo, mas, por conflitos internos e socioculturais, a satisfação do desejo não será plenamente satisfatória. Então, entrará o princípio da realidade, que fará a intermediação das questões éticas e morais com os desejos latentes. O princípio da realidade se manifesta para dar conta das expectativas sociais, culturais, éticas, morais etc., para adaptar os desejos dentro das regras e dos limites impostos e controlar o comportamento, mesmo que isso gere um grau de frustração no indivíduo por não realizar o desejo na sua forma primária.



Para preservar o ego, o princípio do prazer é substituído pelo princípio da realidade, visto que o primeiro é guiado pelo ID e o segundo, pelo Ego, que, através do princípio da realidade, modifica os caminhos a serem percorridos para a realização do desejo latente dentro da realidade externa, de forma socialmente adequada.

Pulsões

Segundo Freud (1856-1939), o estímulo pulsional não vem do exterior, mas do interior do próprio organismo, diferentemente de um estímulo fisiológico. A pulsão seria um impulso para o psíquico e sua ação atua como uma força constante, nunca como força momentânea, tornando-se ineficaz qualquer tentativa de fuga. Ainda, o estímulo pulsional pode ser denominado como “necessidade” e, para conter essa necessidade, “satisfação”. O aumento desregulado do estímulo causa desprazer e a diminuição do estímulo resulta na sensação de prazer.

Segundo Honda (2011), pulsão é a tendência de agir para alcançar a satisfação e o prazer, podendo ser de diversas formas dentro da realidade com o propósito de atingir o objetivo. Pulsão é o limite entre o psíquico e o corporal, são estímulos que se originam dentro do corpo.

De acordo com Freud (1856-1939), diferentes caminhos podem conduzir à satisfação, que é a meta da pulsão, de maneira que pode haver inúmeras metas

aproximadas para uma mesma pulsão, que podem ser substituídas ou combinadas com outras. Também essas pulsões podem ser inibidas em seus propósitos. É chamado de objeto de uma pulsão aquele que, juntamente ou através dele, é possível que a pulsão alcance sua meta.

Freud (1856-1939) reúne em dois grupos as principais pulsões: as pulsões do Eu ou de autopreservação e as pulsões sexuais. A meta da pulsão sexual é a satisfação do órgão. Assim, Gomes (2001) explica que, quando um indivíduo se alimenta, conceitualmente, a pulsão de autopreservação está atuando; sua meta é ingerir o alimento, sendo a pulsão oral alvo de prazer na zona erógena oral.

Para Mendes (2011), um dos caminhos da pulsão é a sublimação, é o desvio da força da pulsão sexual deslocada para algo não sexual em prol de atividades socialmente valorizadas, tais como: esporte, arte e intelecto. A sublimação libera as pulsões reprimidas e em conflito com a libido; no saber clínico, esse deslocamento da pulsão para sublimação é visto quando há uma transformação cultural através da criação.

Sublimação

Para Pastore (2009), a sublimação é uma das formas de satisfazer os desejos a serviço de realizações sociais e civilizatórias. É a renúncia das perversões em sua forma primitiva para vivenciá-las através da arte e do criar, visto não ser



apenas uma revelação do oculto, e sim de um sofrimento outrora reprimido.

Soares e Coelho (2014) discutem que o conceito sublimação, nos textos de Freud, aparece de forma vaga, dificultando o debruçar acerca dele. Na forma mais tradicional, a sublimação é a dessexualização da pulsão, é uma exigência civilizatória em que o homem é obrigado a substituir a satisfação direta por outra em prol do trabalho e da cultura. Ou seja, é a troca de um objeto proibido por um aceito para vivenciar o gozo da pulsão. É essa substituição do sexual para o não sexual que nos possibilita viver em sociedade, sendo que a força sexual está a serviço do trabalho, das relações, dos afetos, da cultura etc.

Soares e Coelho (2014) ressaltam que a satisfação direta da pulsão não é um risco social, a repressão exigida que o é. Não se pode exigir a mesma atitude de todos, visto que nem todas as pessoas conseguem substituir a pulsão sexual para algo não sexual, ocasionando o recalque e/ou neurose, levando à renúncia do desejo que não seja em prol da reprodução.

Ainda segundo os mesmos autores, Freud, ao explicar como chegou ao conceito de sublimação, usou a história do jovem Johann Friedrich Dieffenbach, que, movido por desejos sádicos na juventude, cortava o rabo dos cachorros que ele apanhava pelas redondezas. Mais tarde, esse mesmo “garoto” se tornou um famoso cirurgião, ou seja, ele continuou realizando o seu desejo, mas de uma

forma socialmente aceita e em prol da humanidade. Pode-se dizer que houve a renúncia do gozo sádico para uma realização cultural: ciência. Uma linha tênue entre o sadismo e o bem, visto que o talentoso cirurgião se originou da sádica criança. A diferença está, então, na mudança do objeto/ação, sendo esta mudança o âmago da sublimação.

Os autores argumentam ainda que a sublimação freudiana é uma “troca de estado”, como o sólido se transformando em gasoso; o elemento é o mesmo, mas a forma, não. Uma pulsão sexual continua sendo uma pulsão sexual, porém, transitando para o feito artístico, intelectual, esporte, entre outros. Assim, podemos dizer que a arte como sublimação é a forma pela qual os desejos percorrem sem censura e repressão e se comunicam, falam, mostram-se. Uma mensagem do conteúdo latente.

Terapia e Arte

Metzger (2015) discute que, dentro do campo clínico, a arte vem para ampliar a abordagem clínica, visto que algumas produções artísticas elucidam, quase com facilidade, a estrutura e organização do sujeito, podendo ser uma possibilidade em direção ao tratamento, uma vez que configura uma saída para o gozo libidinal do indivíduo. Segundo o autor, Freud, ao analisar algumas obras, observou resquícios do inconsciente do artista, levando a uma via de acesso ao oculto através de uma comunicação simbólica.



Margareth Naumburg, de acordo com Reis (2014), desenvolveu o seu trabalho na teoria psicanalítica, observando que as técnicas facilitam a projeção dos conflitos inconscientes do indivíduo. Naumburg defende que a expressão artística é um espelho refletindo o diálogo entre consciente e inconsciente, um caminho que facilita o percorrer das emoções, dos pensamentos, dos sentimentos, dos conflitos, dos sonhos, das fantasias, dos medos, das memórias infantis, do passado e do presente vividos pelo sujeito, o que proporciona a comunicação entre paciente e terapeuta. A arte vem, muitas vezes, como uma via de acesso aos conteúdos do inconsciente mais fácil que a própria fala, pois, ao iniciar o processo psicoterapêutico, o paciente poderá vivenciar bloqueios ao se deparar com o próprio discurso, devido às resistências. Desta forma, a interpretação se dá pelo meio da transferência, na qual o terapeuta incentiva o sujeito a se descobrir através das suas produções.

A autora afirma ainda que a arte como terapia atualmente não está mais restrita aos consultórios, mostrando-se ser um importante instrumento para intervenções nas áreas da psicologia escolar, hospitalar, social, organizacional e da saúde também. A arte permite a expressão de uma diversidade de temas, como traumas, conflitos emocionais, conflitos de sexualidade e gênero, expectativas e combates profissionais, além de aspectos das relações interpessoais. É uma ferramenta que

possibilita extrapolar a abordagem tradicional que é baseada na linguagem, ampliando as perspectivas de manifestação.

Segundo Castro e Lima (2007), Nise da Silveira, durante os anos de 1940, foi contrária às técnicas de lobotomia, eletrochoque, química e medicamentosa direcionadas às formas de tratamento da psiquiatria dessa época, pois acreditava que a vida psíquica de cada indivíduo é um processo permanente de interação com aquilo que o cerca. Nise, em sua atuação em um setor sem nenhum recurso designado à distração e/ou economia hospitalar dentro do Centro Psiquiátrico Nacional, intencionava adentrar no mundo dos esquizofrênicos, aproximar-se deles e conhecer suas dores, melhorando assim suas condições de vida. A médica Nise transformou a terapêutica ocupacional em campo de pesquisa, como forma de enfrentar a psiquiatria opositora, atribuindo a ela características científicas, teóricas e clínicas. Nos 28 anos em que dirigiu o setor, inúmeras pesquisas foram desenvolvidas na intenção de registrar resultados, comprovar e validar a eficiência do tratamento, além de investigar os danos dos tratamentos psiquiátricos tradicionais.

Ainda segundo as autoras, Nise tentava proporcionar em seus atendimentos uma atmosfera de liberdade sem nenhuma repressão durante as diversas atividades desenvolvidas, para que assim os sintomas tivessem a



possibilidade de se expressarem e serem despotencializados. O interesse da psiquiatra era em estabelecer algum tipo de relação com o doente e lhe dar espaço para se expressar, partindo do nível não verbal. Assim, a clínica da terapêutica ocupacional foi inserida, oferecendo atividades que possibilitavam a manifestação de experiências não verbalizáveis por aquele que se encontrava submerso em conteúdos inconscientes.

Foi no ateliê de pintura do Setor de Terapêutica Ocupacional que Nise observou "a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava desagregada" (CASTRO; LIMA, 2007 *apud* SILVEIRA, 1992, p. 63). Neste ateliê e no de modelagem, Nise pôde ter uma maior compreensão acerca do dinamismo psíquico cotidiano na esquizofrenia, além de refletir sobre as circunstâncias de tratamento e hospitalização. Ela se surpreendeu, segundo as autoras, com a quantidade e qualidade dos conteúdos produzidos, compreendendo que a criatividade é um estímulo por meio do qual é possível que os pensamentos, as emoções e as sensações se reconheçam e se associem, mesmo diante da bagunça interna daquele que cria. A pintura se mostrou instrumento para reorganização interna, uma vez que revelava que o mundo interior do psicótico tomava forma através da expressão desenvolvida pela

atividade, aproximando-o cada vez mais do consciente.

O Museu do Inconsciente foi criado, segundo as autoras, com o propósito de catalogar e organizar todo o material produzido, o que permitia o desenvolvimento de pesquisas em cima dessas imagens. Além do museu, ainda segundo as autoras, as exposições que rodaram e repercutiram no mundo das artes movimentaram também a psiquiatria, transformando-se em recurso no combate ao tratamento psiquiátrico hegemônico e aos manicômios, associados à luta por uma mudança cultural e de julgamento em relação ao adoecimento psíquico.

Metodologia

O presente trabalho objetivou estudar a relação entre a arte e o inconsciente do indivíduo, valendo-se da revisão bibliográfica de artigos científicos, correspondendo ao período de 2001 a 2020, e clássicos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e comentadores.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), esta metodologia busca contextualizar e esclarecer teoricamente o tema escolhido através de uma ampla pesquisa de materiais já publicados, com o objetivo de interpretar e contextualizar a questão proposta. Já para Augusto *et al.* (2013), a pesquisa qualitativa tem caráter interpretativo relacionado aos significados atribuídos a ela. Dessa forma, os pesquisadores estudam e descrevem os fenômenos, cenários atuais e elementos



que os envolvem, sempre dando importância às figuras, aos discursos e aos conceitos difundidos por eles.

Para a seleção de leitura foram consideradas as bases de dados Scielo, Pepsic e Google Acadêmico com o tema de pesquisa proposto a partir dos seguintes descritores: psicanálise, arte, inconsciente, sublimação, pulsões, mecanismos de defesa e processo terapêutico. Foram considerados 13 artigos, além de 2 livros de comentadores dos estudos de Sigmund Freud e um de referência de Nise da Silveira para análise e discussão. Os critérios de seleção foram materiais que falavam sobre arte e inconsciente através da sublimação.

A análise do material, realizada por meio dos estudos e das discussões levantadas, será compartilhada a seguir, buscando compreender como os processos artísticos dialogam com o inconsciente do obrador.

Análise

Para Autuori e Rinaldi (2014), a arte é a expressão dos desejos e resquícios de elementos reprimidos do sujeito, formando uma relação entre vida e criação. Desta forma, a produção é uma das maneiras de vivenciar e lidar com os afetos outrora recalcados. Já Biesdorf e Wandscheer (2011) trazem a arte como um bem necessário para a civilização que é tão antiga quanto; a arte é a maneira como o indivíduo interpreta e se expressa dentro do contexto em que vive, é um compromisso com a cultura em que está

inserido, proporcionando a sua manutenção. Sendo assim, os desejos reprimidos do homem promovem a criação e a manutenção social quando o homem vivencia a realização do afeto reprimido, sendo um fôlego para as angústias e o autoconhecimento através das questões internas e, ao mesmo tempo, gerando inovação e continuidade.

Desse modo, é através do deslocamento dos impulsos sexuais para a criação que nascem os processos civilizatórios e grandes feitos, tais como a ciência e suas descobertas, o intelecto que gera debate e desconstrução, obras que consagram grandes museus que sustentam uma história, livros que eternizam personagens promovendo a identificação ou repulsão, transformações culturais etc. A sociedade se constrói pelo gozo materializado do sujeito. Sob o olhar da psicanálise, a obra é um dos acessos ao inconsciente do paciente; sob o olhar social, é uma necessidade humana para manter a sociedade.

Ao mesmo tempo em que o indivíduo constrói o meio em que vive, a própria sociedade domina e condena as suas pulsões e desejos, levando ao desprazer psíquico. Para Figueiredo, Feitoza e Carvalho (2012), a sociedade devora o desejo do homem esmagando o seu estar no mundo. Estar em sociedade é viver na ambiguidade, que ora condena, ora liberta; porém, a liberdade só é concedida se estiver dentro do que é moralmente aceito.



Segundo Freud (1856-1939), vários caminhos podem levar à satisfação do desejo. Mendes (2011) salienta que entre esses caminhos há a sublimação, que dá conta dos conflitos reprimidos. Olhando pela perspectiva desses dois autores, a sublimação se faz necessária para que o indivíduo possa dar conta das suas angústias, para que ele possa gozar e satisfazer seus desejos, mesmo que não sejam em sua versão primitiva. É, por assim dizer, um caminho para aliviar as tensões do sofrimento psíquico, visto não poder viver à deriva dos prazeres sexuais por questões morais e éticas. Ambos ganham, sociedade e indivíduo, pois, para Soares e Coelho (2014), o perigo social está na repressão dos desejos, levando à neurose e aos sintomas.

Ao olhar para o *setting* terapêutico, contexto de interesse para o profissional na Psicologia, Metzger (2015) dialoga ao trazer a visão de que a arte amplia o olhar clínico e possibilita ser uma ferramenta de trabalho. O material se torna um aliado ao discurso livre, visto ser uma forma também de acessar o indivíduo em processo terapêutico através da simbolização e projeção dos conteúdos: acessar a satisfação do desejo. Se o contexto analítico tem a função de trabalhar as questões do indivíduo como emoções, pensamentos, sentimentos, conflitos, sonhos, fantasias, medos, memórias e futuro, a arte vem para auxiliar no processo analista e paciente, podendo se estender para muitos campos

da vida de uma forma lúdica e sutil de se colocar perante a vida.

Estendendo o olhar para além da visão Freudiana, a psiquiatra junguiana Nise da Silveira traz o reconhecido trabalho artístico e terapêutico realizado com indivíduos em tratamento psiquiátrico. O método terapêutico da médica diante do adoecimento psíquico dos internados, que, segundo Castro e Lima (2007), substituiu os tratamentos tradicionais opressores por humanização por meio da arte, proporcionou uma vida melhor através da liberdade e da valorização dos produtos inconscientes, noutro momento reprimidos e desorganizados, trazendo estes conteúdos para o consciente sem a necessidade da fala, que é tão valorizada no contexto clínico.

Dentro de um ateliê, foi possível discutir o psiquismo humano, o tratamento, a humanização e o resgate do sujeito e, em comum com a visão Freudiana discutida por Metzger (2015), é possível dizer que a arte permite o transitar pelas emoções e pensamentos dos sujeitos, tornando-se um instrumento de aproximação do inconsciente.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi verificar, à luz da psicanálise, como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito, processo de autoconhecimento e mecanismo de sublimação dentro desse contexto. Mostrou-se, através das leituras selecionadas, que é possível identificar



traços do inconsciente através das criações artísticas realizadas, como forma de lidar com as angústias e os sofrimentos psíquicos ocasionados pelos desejos reprimidos. É por meio da sublimação que o sujeito realiza alguns dos seus desejos reprimidos, de maneira criativa e moralmente aceitável pela sociedade. E a arte é uma das formas de expressão e sublimação.

Além de causar alívio aos impulsos sexuais, a arte, trabalhada dentro do *setting* terapêutico, torna-se uma ferramenta para o profissional da Psicologia acessar o inconsciente do paciente, sendo uma aliada na busca pela compreensão das questões trazidas no consultório. Em complemento à associação livre, a arte pode ser vista como uma das vias de acesso aos conteúdos do inconsciente, embora, muitas vezes, venha carregada de resistências e sofrimento pela experiência de falar dos incômodos.

Para além do *setting* terapêutico e da linguagem, a criação artística pode ser manifestada em outros ambientes, revelando-se como instrumento do inconsciente ao materializar o não verbal, como no trabalho inspirador e pioneiro de Nise da Silveira e seus pacientes dentro de um hospital psiquiátrico. Trabalho que, sem pretensão alguma, a princípio, mostrou-se aliado à luta político-social antimanicomial e de humanização e terapêutica de doentes mentais. A liberdade e a arte levaram a essas pessoas, na condição de pacientes psiquiátricos, uma forma de expressão

dos conteúdos inconscientes, aliviando, de certa forma, um sofrimento psíquico que os desorganizava, impedindo alguma dignidade no seu modo de viver.

Sob o olhar civilizatório, o deslocamento dos impulsos sexuais para a criação é fundamental para a manutenção social, pois a civilização é construída pelos sujeitos desejantes. A moralidade reprime os desejos, mas ao mesmo tempo proporciona a criação através da sublimação desses mesmos desejos reprimidos.

A arte também vem se mostrando cada vez mais democrática com o uso da tecnologia. As redes sociais e os aparelhos celulares ampliaram as possibilidades de criações artísticas, em que a maioria das pessoas pode criar vídeos, fotos e até pequenos filmes, mesmo sem conhecimento técnico aprofundado. No Brasil e no mundo, os memes são formas criativas de lidar com situações e/ou conteúdos trágicos de forma cômica. Em tempos de pandemia global e quarentena, por exemplo, o uso de *streamings* de filmes e músicas ganhou mais força.

A arte é, também, um meio de sublimação e fuga em tempos sombrios, com a ressalva de que essa fuga pode levar ao encontro de si. E a psicologia, neste contexto, pode contribuir com a emancipação dos indivíduos enquanto sujeitos desejantes (in) conscientes de suas histórias. A arte, neste sentido, apresenta-se como possibilidade de o sujeito gozar diante das regras morais, do



proibido. É, em certo sentido, uma forma de transgressão, de realização do desejo. Afinal, as expressões do inconsciente por

meio da arte são imagens que não se calam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 51, n. 4, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007 Acesso em: 05 out. 2020.

AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. Arte em Freud: Um estudo que suporta contradições. **Bol. Acad. Paul. Psicol**, São Paulo, v. 34, n. 87, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000200002. Acesso em: 29 ago. 2020.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 2, n. 11, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20333/11824/> Acesso em: 30 ago. 2020.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 11, n. 22, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2007.v11n22/365-376/> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIGUEIREDO, Dayanne Souza; FEITOZA, Raíssa Corbal; CARVALHO, Maria José Camargo. A arte como instrumento de sublimação das pulsões. **Encontro – Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 15, n. 23, 2012. Disponível em:



<https://pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2467/2364> Acesso em: 30 ago. 2020.

FREUD, Sigmund. **Obras completas (1917-1920)**. 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras. v. 14.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos**. Edição bilíngue. [S. l.]: Autêntica Editora, 2013.

GOMES, Gilberto. Os dois conceitos freudianos de Trieb. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 17, n. 3, 2001. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300007 Acesso em: 06 out. 2020.

HONDA, Hélio. O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. **Fractal, Ver. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2011. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200012 Acesso em: 04 out. 2020.

LEITE, Renata Franco. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estud. Psicanal**, Belo Horizonte, n. 43, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100014 Acesso em: 04 out. 2020.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS – Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, 2011. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007 Acesso em: 04 out. 2020.

METZGER, Clarissa. Sublimação: laço entre arte e clínica. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 31, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000200014 Acesso em: 26 jan. 2021.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. Apresentação a arte inconsciente. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 2, 2009. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000200009 Acesso em: 25 jan. 2021.



PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora Universidade Feevale, 2013.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 34, n. 1, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011 Acesso em: 26 jan. 2021.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

ROSSI, Cláudio. Arte e psicanálise na construção do humano. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 2, 2009. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000200010 Acesso em: 25 jan. 2021.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SOARES, Marcel Santiago; COELHO, Daniel Menezes. Sobre o uso da sublimação como instrumento para uma “metapsicologia da arte”. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 26, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000500593#B15 Acesso em: 26 jan. 2021.

ⁱ Gerson Heidrich, Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Professor e Supervisor Clínico na Faculdade de Psicologia da Universidade Santo Amaro (UNISA/SP), realiza atendimento clínico em Consultório Particular, e-mail: psicopiq@gmail.com

ⁱⁱ Dayane Viana, Psicóloga, formada pela Universidade Santo Amaro – UNISA, atua como Consultora de recrutamento e seleção na Newik, e-mail: dayyyviana@gmail.com

ⁱⁱⁱ Juliana Ramos, Psicóloga, formada pela Universidade Santo Amaro – UNISA, atua como Analista de Projetos Pleno na Afferolab, e-mail: juu.rsouza@gmail.com